

## Mesmo com cenário político definido, emprego industrial patina até 2019

*Apesar do aumento na confiança do setor, empresas ainda não se animam para contratar neste ano, à espera das reformas que a equipe do presidente eleito Jair Bolsonaro prometeu realizar*

**RICARDO BOMFIM • SÃO PAULO**

As incertezas acerca do cenário eleitoral passaram, mas o emprego na indústria ainda custa a engatar um avanço consistente e as expectativas para uma retomada mais forte já foram adiadas para 2019.

Nesta segunda-feira (03), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou que o emprego teve queda de 0,2% em outubro em relação a setembro. “Com a revisão dos números dessazonalizados dos meses anteriores, o emprego passou a registrar a sexta queda consecutiva. A retração mensal tem sido pequena. No período, o recuo acumulado é de 1%”, apontou em nota a entidade.

Para o economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Rafael Cagnin, uma retomada mais firme do emprego no setor depende da capacidade do novo governo de aprovar as reformas em 2019, o que estimularia os fabricantes a realizarem mais investimentos e, conseqüentemente, mais contratações. “O ano de 2018 de certo modo é frustrante, porque perdemos dois terços do ritmo de crescimento do final do ano passado”, analisa.

Já o economista do Banco MUFG, Mauricio Nakahodo, conta que o emprego sempre reage com defasagem e depende da confiança do empresário para poder ter qualquer tipo de recuperação. “O que faria o empregador contratar mais trabalhadores seria uma sinalização favorável em termos de ajuste fiscal e políticas econômicas sólidas. Isso iniciaria um ciclo virtuoso”, acredita o especialista.

O ano de 2019, para Nakahodo, envolverá um melhor acesso ao crédito, com os juros mantidos em patamar baixo e a inadimplência em queda. Além disso, a inflação, ao que as projeções de economistas apontam, deve se manter na trajetória atual de desaceleração. “Se continuar, os trabalhadores terão, nos próximos anos, um aumento no poder de compra, o que também sustentará o consumo das famílias”, explica ele.

# INFORME

Por fim, uma reforma tributária também ajudaria a melhorar o ambiente de negócios do País, ao passo que a reforma da Previdência permitiria que o governo reduzisse os gastos. “São medidas importantes do próprio ponto de vista econômico.”

Apesar da queda no emprego, a massa salarial real dos trabalhadores da indústria brasileira cresceu 0,3% de setembro para outubro. Em relação ao mesmo mês de 2017, contudo, houve queda de 2,5%.

## **PMI**

Outro indicador industrial relevante publicado nesta quarta foi o Índice Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês), do IHS Markit Brasil Manufacturing.

A leitura de novembro foi a melhor nos últimos oito meses, saltando 1,6 ponto em outubro, para 52,7 pontos no mês passado.

Dentre os setores analisados, o de bens de consumo foi o que liderou a alta na atividade fabril. Ao mesmo tempo, a confiança empresarial foi para o melhor nível da série histórica, puxada por reajustes leves nos custos dos insumos e taxas de produção.

Rafael Cagnin destaca que o PMI é um indicador mais volátil por trabalhar com pontos mais subjetivos como a percepção de avanço no ambiente econômico pelos empresários.

“Esse dado só terá mais peso se for comprovado por uma persistente melhora”, avalia o economista do Iedi.

Na sua visão, as idas e vindas têm sido comuns desde a greve dos caminhoneiros, que interrompeu o movimento forte de recuperação da economia que se anunciava.

“O número do emprego é coerente com o quadro de ímpeto menor da indústria, enquanto o PMI, como mede percepção de forma mais subjetiva, de curto prazo, ainda é algo a ser comprovado”, comenta o analista.

Nakahodo também vê a força do PMI como uma oscilação de curto prazo, mas avalia que os próximos meses devem ter um cenário mais claro de melhora nos indicadores. “Há uma tendência para expansão de investimentos produtivos.”

Cagnin conclui que as dificuldades no emprego tendem a ser superadas à medida em que o cenário político pós-eleitoral ganhar clareza.

# INFORME

## 61% já cancelaram férias para trabalhar

*Pesquisa da Expedia atrela baixa produtividade à falta de férias, questão que deve ser resolvida dentro da empresa*

**GIOVANNA BUENO DAGNINO • SÃO PAULO**

Embora as férias corporativas sirvam para descanso para os funcionários, 61% dos brasileiros afirmam já terem cancelado a folga por motivos de trabalho. O dado é de uma pesquisa global da Expedia e aponta a urgência das empresas em garantirem o bem-estar dos colaboradores.

Segundo o gerente-executivo da Page Personnel, consultoria global de recrutamento para cargos de nível técnico e suporte à gestão, Lucas Oggiam, o trabalhador brasileiro é improdutivo, entretanto, essa improdatividade pode ter relação com a exploração. “Ter cargas horárias mais flexíveis poderia ajudar a evitar a procrastinação e garantir performances melhores”, explica. Desta forma, a Enderred Brasil, empresa de serviços pré-pagos corporativos, conta com 30% da equipe trabalhando de casa (*home office*) e de forma voluntária e opcional. “Temos observado, cada vez mais, a tendência de flexibilização no dia a dia do trabalho e essa prática tende a alcançar a maior parte das empresas até 2020”, comenta o diretor de Recursos Humanos da Enderred Brasil, José Ricardo Amaro, acrescentando que, desde o início da prática, em 2005, com a equipe de vendas, houve um aumento de quase 30% na produtividade.

Para o empresário e especialista em negócios, Oséias Gomes, a flexibilização não anula a atenção ao período de férias. “É necessário que o chefe interaja com o funcionário e tranquilize-o antes da folga para garantir o descanso total. Um colaborador repousado é bem mais produtivo”, analisa o executivo, alertando para os desligamentos, que preocupam trabalhadores durante o período de descanso. Além disso, outra questão abordada no estudo foi a quantidade de dias tomada para o descanso. No Brasil, 83% dos pesquisados tendem a utilizar todos os dias das férias que têm direito. Ainda que utilizem todos os dias de férias que possuem, os brasileiros costumam trabalhar um ano ou mais sem férias (46%).

Para Gomes, fracionar as férias é menos interessante do que tirar os 30 dias de uma vez. “Dependendo do cargo, alguém que tenha uma carteira de cliente que fique 30 dias afastado gera um problema, mas eu ainda sou a favor dele tirar os 30 dias, porque ele consegue descansar e sentir falta da empresa”, avalia. Já Oggiam recomenda que, se possível, o período seja dividido em dois de 15 dias. “Em 30 dias de uma vez só o funcionário faz muita falta na empresa e pode demorar mais para pegar o embalo do trabalho de novo”, alerta ao **DCI**.

De todos os países analisados, apenas o Brasil, a França, a Alemanha e a Espanha têm 30 dias de férias. As nações com os menores períodos são os Estados Unidos, a Tailândia, Taiwan e Hong Kong, com menos de 15 dias.

(Fonte: DCI – 04/12/2018)

## FOLHA DE S.PAULO

### Estudo mostra que robôs elevam o PIB e geram emprego

*Relatório aponta EUA atrás na adoção da automação; evitá-la fará país perder postos de trabalho para exterior*

**Christopher Mims - BALTIMORE**

Os robôs talvez roubam nossos empregos, mas há indícios cada vez mais firmes de que os trabalhadores têm tudo a ganhar com a presença deles. Quanto mais robôs um país tem, maior é seu PIB (Produto Interno Bruto) e mais ricos, em média, seus cidadãos.

Os países que resistem à automação ficam para trás na criação de riqueza e de empregos. Isso pode parecer insano dado o medo de que computadores, robôs e inteligência artificial eliminem metade dos empregos humanos nos próximos 20 anos.

Também parece arriscado, da perspectiva dos executivos de primeiro escalão, porque nem todos os robôs são adequados a todos os trabalhos. Robôs subutilizados custam mais caro do que uma força de trabalho humana que atenda à demanda sazonal.

Para a economia como um todo, a automação causa alta nos preços dos bens e serviços. Os seres humanos se provaram inventivos sobre como gastar qualquer dinheiro adicional que obtenham, o que resulta em novos negócios —e mais empregos.

Relatório recém-lançado pela Fundação de Inovação e Tecnologia da Informação (Itif, na sigla em inglês) argumenta que os Estados Unidos estão ficando para trás na adoção de robôs.

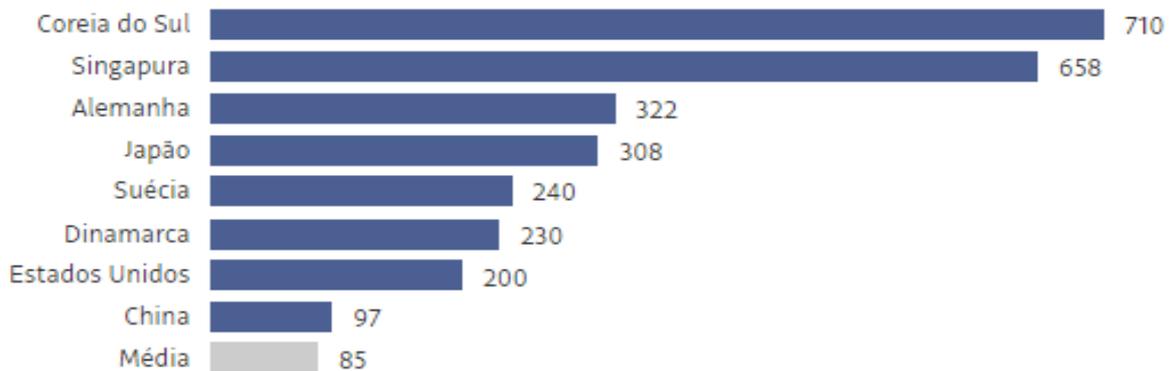
Um novo índice compilado pela organização, um dos principais institutos de pesquisa sobre ciência e tecnologia, compara o ritmo de adoção de robôs industriais em diferentes países e pondera os resultados levando em conta o salário médio dos trabalhadores nesses países e setores.

A Itif constatou que os Estados Unidos adotam robôs em ritmo bem inferior ao “esperado”. A China, por outro lado, tem ritmo tão superior ao de todos os demais países que, em uma década, pode ser líder em adoção no planeta, pelo critério de comparação com a média salarial dos trabalhadores.

# INFORME

## Estados Unidos ficam para trás em quantidade de robôs por trabalhador

### Número de robôs a cada 10 mil funcionários de manufatura em 2017



Fonte: Federação Internacional de Robótica

Quando surgiu o computador digital, na Segunda Guerra Mundial, quem teria predito que, em 2022, a América do Norte teria 265 mil mais postos de trabalho na área de segurança da computação? Há quem argumente que não existe precedente histórico para a atual onda de inovação. Uma dessas pessoas é Kai-Fu Lee, ex-presidente das operações chinesas do Google.

Lee acredita que ela terá efeitos tão fortes quanto os da chegada da eletricidade ou do vapor, mas acontecerá muito mais rápido. A automação toma muitas formas, mas os robôs são um foco útil, porque substituem os trabalhadores de baixa capacitação, na indústria e em outros trabalhos braçais.

Um estudo recente sobre a adoção de robôs em 17 países constatou que seu uso ampliado respondia por 0,36% do aumento no índice de produtividade por hora de trabalho.

O número pode parecer baixo, mas representa substanciais 15% do crescimento total da produtividade. Não surpreende que a adoção de robôs também tenha ajudado a reduzir os preços dos produtos que eles ajudam a produzir.

Isso levou algumas pessoas, especialmente nos EUA, a apelar por uma aceleração no ritmo de adoção de robôs. “Ou você adota a automação ou verá empregos transferidos ao exterior para países que o fazem”, disse Robert Atkinson, fundador e presidente da Itif.

No geral, os EUA ocupam a sétima posição mundial quanto à relação entre número de robôs e número de trabalhadores industriais, mas esse indicador se traduz em apenas dois robôs para cada cem operários. Na Coreia do Sul, a relação é sete para cem.

# INFORME

Há diversos motivos para que as empresas americanas não empreguem maior número de robôs, diz Daron Acemoglu, professor de economia no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). Uma delas é que o país não enfrenta as mesmas pressões demográficas que a Alemanha e o Japão. A escassez de trabalhadores e os altos salários levaram esses países a tomar a liderança no uso de robôs.

A Itif estabeleceu uma correlação entre a adoção de robôs e o crescimento do PIB, mas a maneira pela qual esse aumento de riqueza é distribuído depende de como o país adota essas tecnologias, diz Irmgard Nübler, economista sênior da OIT (Organização Internacional do Trabalho), em Genebra. Ela diz que a adoção da automação passa por duas fases iniciais: deslocamento de trabalhadores e depois crescimento do emprego.

Nübler acredita que a desigualdade recorde vista nos EUA em 2018 indique que estamos no ponto de inflexão entre essas duas fases. Sem políticas em vigor para enfrentar esses impactos, a desigualdade surgida na primeira fase pode persistir.

A última vez que vimos uma transição tecnológica como essa foi nas décadas de 1920 e 1930, quando a eletricidade e em seguida o automóvel criaram uma terceira revolução industrial. O que surgiu em seguida foram “novas instituições e novos movimentos sociais”, ela diz, à medida que a sociedade se ajustava às mudanças na natureza do trabalho.

Um resultado foi o “movimento do ensino secundário”, quando a educação de segundo grau se tornou tanto gratuita quanto compulsória e preparou toda uma geração de americanos para deixar o trabalho rural e se tornar trabalhadora industrial, de escritório e de serviços. A era também viu a ascensão dos sindicatos e a introdução da previdência social. A onda atual de robotização pode exigir planejamento econômico, algo que desagrada aos Estados Unidos desde a onda de desregulamentação econômica da década de 1970, argumenta John Spoehr, diretor do Instituto de Transformação Industrial da Austrália. A expansão da rede de segurança social nos EUA, para enfrentar perturbações de curto prazo, resultou em propostas de toda espécie.

Bill Gates, o filantropo e cofundador da Microsoft, sugeriu que haja um imposto sobre os robôs. Muita gente no Vale do Silício favorece um esquema de renda básica universal.

Stockton, na Califórnia, será a primeira cidade a tentar uma medida do tipo —um pagamento mensal de US\$ 500 (R\$ 1.850), sem nenhum pré-requisito, para seus cidadãos mais pobres.

Uma coisa que podemos fazer nesse meio-tempo, argumenta Acemoglu, é o que ensinamos aos estudantes, ainda que estejamos começando a pensar em qual seria o equivalente do movimento do ensino secundário, na era da inteligência artificial, big data e robótica. “Não muita gente está pensando sobre as capacitações de que vamos necessitar no futuro”, diz.

*The Wall Street Journal, traduzido do inglês por Paulo Migliacci*

(Fonte: Folha de SP – 04/12/2018)